



Encontro

de 28 a 30 de Abril 2017

Arte e Património

Livro de Resumos

ENCONTRO

ARTE e PATRIMÓNIO

2017

S. JORGE

28 a 30 de Abril de 2017

ORGANIZAÇÃO

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge Lda

Ouvidoria de S. Jorge

Edição

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte São Jorge Lda.
Cantum Mensurable

Organização

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte São Jorge Lda.
Ouvidoria de São Jorge

Comissão executiva

David Silva | Odília Teixeira | Carla Rego | Luís Henriques

Comissão consultiva

Carla Rego | Instituto Politécnico de Tomar

Luís Henriques | CESEM/Universidade de Évora

Ana Maria Tavares Martins | DECA-Universidade da Beira Interior/Lab2PT/CIDEHUS

Artur Goulart de Melo Borges | Coordenador do Inventário Artístico da Diocese de Évora

Secretariado

Mónica Rosa

ISBN 978-989-20-7410-8

Apoio/Colaboração

SOLAR DA
VISCONDESSA



O Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge foi fundado no ano 2000 por Odília Teixeira e David Silva e tem vindo a realizar diversos trabalhos de conservação e restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica, mobiliário, marcações de segurança e inventários. Tem sido um dos principais objectivos deste Atelier a salvaguarda do património histórico e artístico tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e história das obras de arte.

No âmbito desse trabalho, temos vindo a constatar a necessidade de, para além de intervir, também reflectir sobre os vários tipos de intervenções e as consequentes problemáticas associadas, como a reversibilidade dos materiais utilizados, a sua compatibilidade com os materiais originais, a intervenção mínima, a intervenção diferenciada, o respeito pela integridade física e artística da obra de arte, os problemas associados a um clima com características subtropicais como o dos Açores, entre outros.

O Atelier iniciou em 2016 o encontro “Arte e Património” com vista a sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património da Região Autónoma dos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área, de forma a promover boas práticas e metodologias adequadas à arte e património nos Açores. Este encontro tem sido realizado em parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do Ouvidor Eclesiástico da ilha, P.º Manuel António Matas dos Santos. A edição de 2016 (realizada a 22 de Abril) reuniu o contributo de investigadores de diversas áreas como a História da Arte, a Musicologia e a Conservação e Restauro, promovendo um momento de reflexão e discussão conjunta de vários aspectos relacionados com a arte e o património nas suas variadas vertentes.

Partindo dos resultados da edição passada, apresenta-se o Encontro “Arte e Património” 2017 numa forma abrangente que procura integrar o contributo de mais investigadores e chegar a mais espaços criando um maior envolvimento da comunidade da ilha de S. Jorge. As actividades irão desenvolver-se no Solar dos Noronhas, Solar da Viscondessa e na Igreja Matriz de Santa Catarina de Calheta. Pretende-se reflectir sobre alguns dos vários aspectos relacionados com a arte e o património, enquadrando-os nos seus períodos e contextos históricos, como forma de melhor entender a sua preservação e salvaguarda nos dias de hoje, perante novos desafios e exigências. Para além dos contextos históricos, importa ainda analisar as práticas concretas de intervenção, e as várias vertentes em que esta ocorre, desde os conceitos que as enformam, até às justificações e suportes técnicos, científicos e operacionais que as suportam.

O Atelier deseja ainda agradecer a todas pessoas e instituições envolvidas, que colaboraram e apoiaram a realização deste evento.

PROGRAMA

28 DE ABRIL

21h00 **OFICINA DE CANTOCHÃO**
orientada por Luís Henriques
Capela do Solar dos Noronhas, Ribeira Seca

29 DE ABRIL

VISITA GUIADA “IGREJAS SETECENTISTAS DE S. JORGE”

09h00 Igreja Matriz de Santa Catarina, Calheta

09h45 Solar dos Noronhas, Ribeira Seca

11h00 Igreja de Santa Bárbara, Manadas

12h10 Torre da Urzelina

12h30 **ALMOÇO (Livre)**

VISITA GUIADA “IGREJAS SETECENTISTAS DE S. JORGE”

14h00 Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge Lda.,
Urzelina

15h00 Convento de S. Francisco, Velas

15h50 Igreja Matriz de S. Jorge, Velas

21h00 **RECITAL DE ÓRGÃO**
por José Carlos Araújo
Igreja Matriz de Santa Catarina, Calheta

30 DE ABRIL

ENCONTRO “ARTE e PATRIMÓNIO”

Solar da Viscondessa, Terreiros

14h30 RECEPÇÃO E ENTREGA DE DOCUMENTAÇÃO

15h00 SESSÃO DE ABERTURA

David Silva e Odília Teixeira

(Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge Lda.)

P.º Manuel António (Ouvidor Eclesiástico de S. Jorge)

PAINEL I

Moderação: Carla Rego

15h20 Artur Goulart: “O conjunto pictórico da igreja de Santa Bárbara das Manadas. Programa iconográfico”

15h40 Sandra Costa Saldanha: “Matrizes romanas: algumas obras de imaginária barroca nos Açores”

16h00 Discussão

16h15 INTERVALO

PAINEL II

Moderação: Artur Goulart de Melo Borges

16h30 Igor Espínola de França: “A primitiva igreja do Arcanjo São Miguel em Vila Franca – Contributo para a sua reconstituição”

16h50 José Carlos Araújo: “Particularidades da recuperação do património musical”

17h10 Luís Henriques: “A prática do cantochão na ilha de São Jorge durante o século XVIII: O testemunho das fontes históricas”

17h30 Discussão

17h45 INTERVALO

PAINEL III

Moderação: Sandra Costa Saldanha

18h00 Tiago Simões da Silva: “O Carmo na cidade da Horta: História e evolução de um Património”

18h20 Ana Maria Tavares Martins: “Património Arquitectónico Cisterciense: reabilitação e restauro”

18h40 Carla Rego: “Estudo e Conservação e Restauro do Património – o caso de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições do Santuário de Fátima”

19h00 Discussão

19h15 ENCERRAMENTO

COMUNICAÇÕES

E

NOTAS CURRICULARES

PAINEL I

Moderação: Carla Rego

O conjunto pictórico da igreja de Santa Bárbara das Manadas. Programa iconográfico

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

A igreja de Santa Bárbara das Manadas, classificada como imóvel de interesse público desde Janeiro de 1950, é uma pequena joia do património religioso jorgense e açoriano. Embora exteriormente denote sobriedade e harmonia de acordo com os cânones tradicionais, no interior é uma festa de ornamento e cor, desde o precioso tecto de alfarge, ao dourado da profusa talha, aos azulejos historiados da santa padroeira, ao ciclo de pinturas alusivas à paixão de Cristo e à vida da Virgem. O conjunto pictórico, que cobre grande parte da capela-mor e as paredes da nave, é indicativo de um cuidadoso programa iconográfico, concebido com o objectivo de prosseguir os ensinamentos e modas da época, apesar da reduzida escala de uma igreja de paróquia rural.

Na verdade, no período barroco, como acontecera em época medieval, a imagem ganha especial consistência e difusão para dar visibilidade ao anúncio da Palavra. A “bíblia pauperum”, a história bíblica posta em imagens, abre-se à disposição de uma comunidade, geralmente iletrada e sem meios de acesso aos livros, então caros e pouco difundidos.

A escolha dos temas de cada quadro e sua colocação no espaço sagrado, aliadas à capacidade artística, popular ou erudita, do executante, permitirá perceber as características da religiosidade paroquial e o nível cultural e devocional da comunidade.

Natural de Velas (S. Jorge), Açores. Licenciado em Arqueologia Paleocristã, em Roma, Itália, com estudos de pós-graduação em Museologia e História da Arte. Professor do Seminário Maior de Angra de 1962 a 1978. Curso Superior Livre de Estudos Árabes. Técnico superior do Museu de Évora de 1979 a 1999, exercendo o cargo de Director de 1992 a 1997. Nesse âmbito, trabalhos de inventariação, investigação, elaboração de pareceres na área da museologia e do acervo artístico do Museu de Évora. Organização de exposições, participação em congressos, seminários, com publicações sobre estudos árabes, património artístico e cultural. Vogal da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja, da Arquidiocese de Évora e, de 2002 a 2014, coordenador do Inventário do Património Artístico Móvel da Arquidiocese de Évora.

Matrizes romanas: algumas obras de imaginária barroca nos Açores

SANDRA COSTA SALDANHA

Aspecto central para o estudo da arte portuguesa, o recurso à matriz italiana coloca a escultura setecentista entre os padrões de gosto assumidos por outras

áreas da criação artística. Com frequência filiada nas grandes empresas romanas do tempo, revela-se igualmente devedora das fontes gravadas que, também no campo da escultura, assumiram um papel fulcral para a difusão desses arquétipos.

Nesse sentido, visa a presente intervenção destacar exemplos de obras nacionais, compositiva e iconograficamente filiadas na série de santos fundadores da basílica de São Pedro do Vaticano, em particular, alguns casos recentemente identificados nas ilhas açorianas.

Directora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. Professora Auxiliar no IADE - Universidade Europeia e Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro do Conselho Nacional de Cultura.

Exerceu funções de docência e coordenação na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Foi colaboradora do Departamento de Bens Culturais do Patriarcado de Lisboa e coordenadora do Serviço de Património, Investigação e Promoção Cultural, do Centro Cultural do Patriarcado de Lisboa.

Doutorada em Letras, especialidade de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é investigadora integrada do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da mesma Universidade. Dedicando-se ao estudo da arte portuguesa setecentista, em particular, às relações artísticas e culturais luso-italianas, é autora de diversos trabalhos nas áreas da escultura, arquitectura, iconografia e artes decorativas.

PAINEL II

Moderação: Artur Goulart de Melo Borges

A primitiva igreja do Arcanjo São Miguel em Vila Franca – Contributo para a sua reconstituição

IGOR ESPÍNOLA DE FRANÇA

Destruída pelo cataclismo de 1522 a igreja do Arcanjo São Miguel era à época a mais importante da ilha de São Miguel. Deste templo sobreviveram apenas algumas pedras recuperadas em escavações arqueológicas e a descrição que Frutuoso faz nas Saudades da Terra. Com base nesta informação, na análise do contexto histórico em que se destaca o protagonista da sua edificação, e na comparação com templos coevos, reconstituiu-se a sua espacialidade, tendo-se identificado e reintegrado os achados arqueológicos.

Assistente Convidado na Universidade dos Açores onde lecciona no mestrado de *Património, Museologia e Desenvolvimento*, actividade que acumulou, até Fevereiro de 2013, com a leccionação nos preparatórios de *Arquitectura*. Licenciado em Arquitectura pela FA da Universidade Técnica de Lisboa (1987), mestre em Património, Museologia e Desenvolvimento pela Universidade dos Açores (2009), pós-graduado em Teoria e História da Arquitectura pelo IST da Universidade Técnica de Lisboa (2013). Membro do Conselho consultivo do Museu Carlos Machado, e da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da ilha de São Miguel.

Desde 1990 tem dedicado especial atenção às questões da reabilitação do património arquitectónico, área onde tem exercido actividade como projectista, tendo ainda proferido

conferências e publicado artigos. Tem prestado colaboração e consultoria em diversos domínios, com destaque para a Museologia, ordenamento do território e património edificado. Paralelamente tem desenvolvido investigação no âmbito da Genealogia, área do conhecimento em que publicou, em 2014, o livro *São Roque do Pico e as suas famílias – do povoamento ao século XVIII*, e em 2016 o livro *Uma sociedade do Antigo Regime – São Roque do Pico: o território e as famílias*.

É, desde Janeiro de 2017, coordenador da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Lagoa.

Particularidades da recuperação do património musical

JOSÉ CARLOS ARAÚJO

Entre as diversas abordagens a que nos obriga o contacto com os objectos resultantes da pluralidade de manifestações artísticas abrangidas sob a designação de “Património”, a produção da cultura musical, quer aquela de um passado remoto, quer a de épocas recentes e mesmo a da contemporaneidade, põe problemas específicos e que, não raro, requerem o concurso de visões especializadas, de cuja especialização nascem mesmo atritos ocasionais. Procuraremos tratar brevemente do trabalho do MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa desde a sua fundação, em 2009, exemplificado através de alguns dos seus mais significativos projectos com repercussão pública, em áreas diferentes da preservação do legado musical português de tradição erudita ocidental de todos os séculos. Aqui, contam-se o estudo e edição de partituras, a edição discográfica, e a produção de temporadas artísticas, com a preocupação fundamental da preservação e divulgação do património cultural. Abordaremos ainda sumariamente uma perspectiva organológica em casos particulares, justamente uma das áreas mais sensíveis (congregando a museologia, a musicologia histórica e as práticas históricas de interpretação musical) que se pode discutir, no séc. XXI, entre especialistas nestas áreas.

José Carlos Araújo é licenciado pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Filologia Clássica), investigador integrado do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (Antiguidade Clássica), dedicando-se ao estudo da Literatura Latina Imperial. Desde 2008, trabalha na primeira tradução portuguesa das *Epistulae* de Plínio-o-Moço, dedicando-se também a outros projectos de tradução de autores clássicos, como Diógenes Laércio e Valério Máximo. Como cravista e organista, toca regularmente a solo, mas também com orquestras e agrupamentos modernos (Orquestra Metropolitana de Lisboa, Alma Mater, Coro Gulbenkian) e, sobretudo, com a Orquestra Barroca Divino Sospiro. Dedicar-se a instrumentos históricos de tecla, particularmente à música antiga ibérica. Tem em curso, para a colecção discográfica *melographia portuguesa*, a gravação integral das Sonatas para tecla de Carlos de Seixas. Dirige a revista *Glosas*.

A prática do cantochão na ilha de São Jorge durante o século XVIII: O testemunho das fontes históricas

LUÍS HENRIQUES

A prática do cantochão está intimamente ligada à construção das igrejas e consolidação da sua actividade litúrgica, não sendo a ilha de S. Jorge excepção a este percurso litúrgico-musical. Apesar da escassez de fontes musicais que possam comprovar essa actividade, as fontes históricas revelam algumas pistas que permitem uma leitura relativamente abrangente do contexto que circunda a prática do cantochão em S. Jorge. Desta forma, o presente estudo propõe uma visão contextual da prática do cantochão na ilha de São Jorge durante o século XVIII, focando o tipo de estrutura musical que sustentou essa actividade, assim como o seu desenvolvimento e generalização ao longo desse período. Embora incompleta, por via de uma dispersão dos apontamentos históricos por várias fontes, pretende ainda o presente estudo traçar um possível modelo de organização litúrgico-musical na ilha – assente na actividade do clero secular e regular – e a sua adaptação ao contexto local.

Doutorando em Música e Musicologia na Universidade de Évora, é Mestre em Ciências Musicais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Licenciado em Musicologia pela Universidade de Évora. É colaborador do CESEM – Pólo Universidade de Évora e o Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa sendo também consultor para o atelier de conservação e restauro acroARTE da ilha de S. Jorge. De 2011 a 2012 realizou o catálogo do fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra e entre 2014 e 2015 foi bolseiro no projecto “Orfeus – A reforma tridentina e a música no silêncio claustral: O Mosteiro de S. Bento de Cástris”. Em 2012 fundou o Ensemble da Sé de Angra e, em 2013, o Ensemble Eborensis, grupo dedicado à polifonia vocal de Évora, tendo realizado concertos em Portugal e França e com quem gravou um CD no âmbito do projecto Orfeus. O seu trabalho tem-se concentrado na polifonia vocal sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, sobretudo aquela associada à cidade de Évora, e a música no arquipélago dos Açores desde o povoamento ao início do século XX.

PAINEL III

Moderação: Sandra Costa Saldanha

O Carmo na cidade da Horta: História e evolução de um Património

TIAGO SIMÕES DA SILVA

Esta comunicação pretende reflectir acerca da importância do património, em particular o construído, assim como do seu estudo e compreensão, a partir do caso do antigo Convento de Nossa Senhora do Carmo, na cidade da Horta.

O antigo espaço conventual está hoje dividido em três partes, com diferentes funções e proprietários. Centraremos a apresentação no antigo Quartel do Carmo, que corresponde ao edifício antes conventual e a uma parte da cerca.

Na sequência da extinção das ordens religiosas o edifício foi transformado num quartel militar, que nele esteve instalado até ao final de 2008. Desde aí o complexo ficou quase abandonado, entrando em decadência. Existiram várias tentativas de lhe dar um novo uso, mas a situação só mudou no final de 2016, quando o imóvel foi incluído no programa Revive, promovido pela Secretaria de Estado do Turismo, que tem como objectivo concessioná-lo a privados para ser recuperado e adaptado a unidade turística.

Dado não estar classificado nem abrangido por qualquer protecção especial, nem existir nenhum estudo que permitisse criar directivas para a futura adaptação em conformidade com a sua importância e evolução históricas e arquitectónicas, focámos a nossa investigação mais recente nesses aspectos, de que resultou já um documento de trabalho a ser usado pelos técnicos do referido programa. Nesta comunicação pretendemos apresentar o percurso desta investigação e os resultados que alcançou até ao momento, que permitiram, pela primeira vez, perceber como terá sido a evolução dos espaços conventuais desde a sua fundação, em meados de Seiscentos, até hoje.

Tiago Simões da Silva nasceu em 1993 na cidade da Horta.

Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2014), onde é actualmente mestrando em História Moderna.

Desde 2015 é Investigador do CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (FCSH/UNL|UAç) e desde 2017 do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da FLUL.

Entre 2013 e 2015 participou no projecto do CHAM *Counting Colonial Populations* (“População e Império. A demografia e os processos estatísticos no ultramar português”), como investigador colaborador.

No mesmo período pertenceu aos órgãos de gestão da Faculdade, como representante eleito pelos estudantes no Conselho Pedagógico.

Membro da direcção da Casa dos Açores, desde 2013.

Participa também em projectos relacionados com a divulgação da História e do Património. Neste âmbito, entre outros, pertenceu à equipa vencedora da *Tourism Ideation Week* (Lisboa, Abril de 2016), como consultor histórico num projecto relacionado com o turismo cultural.

Tem trabalhado sobre temáticas de História Religiosa e dos Açores, em particular com relação ao estudo do Património e à sua divulgação.

Património Arquitectónico Cisterciense: reabilitação e restauro

ANA MARIA TAVARES MARTINS

A Ordem de Cister foi introduzida, no nosso país, no séc. XII e os seus mosteiros estiveram desde o início associados ao desenvolvimento de Portugal enquanto nação. O património arquitectónico cisterciense é diversificado, os mosteiros cistercienses foram exemplo da linguagem românica despojada e simples, foi por seu intermédio que se introduziu o gótico em Portugal (Alcobaça, 1153).

Os mosteiros cistercienses desenvolveram-se de acordo com o crescimento de Portugal sendo reflexo e expressão da época em que se inseriam; passaram a

integrar, em 1567, a Congregação Autónoma de Alcobaça; foram alvo de inúmeras remodelações, ampliações e beneficiações; sofreram com os acontecimentos e catástrofes nacionais como é o caso do terramoto de 1755 que destruiu grandemente não só os mosteiros cistercienses de Lisboa como também outros.

Em 1833, como consequência da guerra civil entre Liberais e Absolutistas, os Monges cistercienses de Alcobaça abandonaram o Mosteiro de St^a M^a de Alcobaça um ano antes da extinção das Ordens por decreto. A partir deste momento, os mosteiros cistercienses portugueses, sofreram inúmeras transformações e ficaram dependentes da sua nova condição.

Muitos dos mosteiros cistercienses portugueses são alvo do restauro romântico. A DGEMN aplicou, no início do séc. XX, restauros segundo as teorias em voga. Mais tarde foi o IPPC, e depois o IPPAR, seguido pelo IGESPAR, e pela DGPC a intervir também no património cisterciense.

A história do Património cistercienses português confunde-se com a própria história de Portugal.

Ana Maria Tavares Ferreira Martins (Porto, Portugal, 1973)

Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL'97). Doutora, em 2011, pela Universidade de Sevilha com a tese intitulada “As Arquitecturas de Cister em Portugal. A Actualidade das suas Reabilitações e a sua inserção no Território”.

Professora Auxiliar do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da Universidade da Beira Interior onde lecciona as disciplinas de História da Arquitectura Portuguesa I e II, Teoria da Arquitectura III e Recuperação do Património e Requalificação Urbana.

Investigadora Integrada do Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território (Landscape, Heritage and Territory Laboratory) da Universidade do Minho, na linha de investigação “Space and Representation (SpaceR)”. Investigadora colaboradora do CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora, na linha de investigação ‘RG 2 - Património, Cultura Material e Arqueologia no Sul da Europa e no Mediterrâneo’ da Universidade de Évora.

Área de investigação: Arquitectura Cisterciense, Património Arquitectónico, História da Arquitectura, Reabilitação Arquitectónica e Urbana

Estudo e Conservação e Restauro do Património – o caso de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições do Santuário de Fátima

CARLA REGO

No âmbito do projeto Estudo científico da Escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, a docente Carla Rego, do Laboratório de Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar, realizou, em duas ocasiões distintas, operações de carácter conservativo e, pontualmente, de restauro na Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da Capelinha das Aparições. A primeira intervenção aconteceu a 3 e 4 de junho de 2013, nas instalações do IPT

e a segunda, decorreu nas instalações do Santuário, ainda em 2013, antecedeu a deslocação da Imagem ao Vaticano, a pedido de Sua Santidade, o Papa Francisco.

Pretende-se com a presente comunicação:

1. Apresentar o estudo interdisciplinar aplicado à Imagem de Nossa Senhora de Fátima, com o objectivo de se identificar e caracterizar os materiais e as técnicas de produção e dos restauros, bem como apoiar o processo de intervenção;
2. Apresentar e justificar a intervenção de conservação e restauro da imagem, da coroa preciosa e do seu estojo de transporte.

Na comunicação apresenta-se também o documentário da deslocação da Imagem ao Instituto Politécnico de Tomar, intitulado como “Uma viagem singular – História, Conservação e Restauro da escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima”, produzido em parceria com o Santuário de Fátima, sendo parte integrante do livro publicado em Março de 2017.

Possui bacharelato em Conservação e Restauro (1996) da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, do Instituto Politécnico de Santarém, Curso de Estudos Superiores Especializados (Arte), do Instituto Politécnico de Tomar (1998), e mestrado em Museologia e Património Cultural, da Universidade de Coimbra (2008). Atualmente encontra-se a realizar a tese do doutoramento em Los Bienes Culturales y su Conservación na Universidade do País Basco (Bilbau).

Entre 1987 e 1992 desempenhou funções na Direcção-Geral das Comunidades Europeias, do Ministério de Negócios Estrangeiros. No ano lectivo de 1992/1993 foi delegada de grupo (Conselho Pedagógico) e docente de Educação Visual e Tecnológica na Escola C+S de Freixianda (Ourém).

É docente das unidades curriculares de Conservação e Restauro de Pintura e Escultura, no Instituto Politécnico de Tomar desde 1997. Atualmente desempenha funções docentes como Professora Adjunta, é responsável pela área de Pintura e Escultura do Laboratório Conservação e Restauro IPT e orienta estágios curriculares e profissionais nesta área. É membro da comissão de coordenação dos cursos de Licenciatura e Mestrado em Conservação e Restauro, coordenadora ECTS da Licenciatura, coordenadora ERASMUS da Licenciatura e Mestrado e secretária do Conselho Departamental.

É autora e coautora de artigos científicos e comunicações na área da Conservação e Restauro.

ATELIER DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE OBRAS DE ARTE S. JORGE Lda.

Fundado no ano 2000 por David Silva e Odília Teixeira, bacharel pelo Instituto Politécnico de Tomar, o Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge, Lda. tem vindo a realizar diversos trabalhos de Conservação e Restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica e mobiliário.

Temos como principal objectivo a salvaguarda do Património Histórico e Artístico, tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e histórica das obras de Arte. As intervenções realizadas são efectuadas com materiais inócuos às obras, assim como reversíveis e compatíveis com o original, restringindo-nos a uma intervenção mínima de restauro.

As nossas instalações foram concebidas de raiz para a actividade de Conservação e Restauro. Assim sendo, todo o edifício foi pensado e construído com um só propósito, sendo possível tirar partido de muitas realidades, principalmente da luz natural.

Desde 2011 tem uma nova valência que consiste em inventários e marcação de segurança em obras de arte através de chips, microetiquetas e marcação invisível. Este método é aplicável a mobiliário, pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, paramentaria, argenteria, marfim, bronze, livros antigos, pautas musicais, pergaminhos, armas, numismática e coleções diversas. Desenvolvemos este trabalho na Igreja do Convento de São Gonçalo de Angra do Heroísmo, ilha Terceira; Igreja de N.ª. S.ª. dos Milagres na ilha do Corvo, Igreja Matriz da Calheta e Igreja de São Mateus da Urzelina, na ilha de São Jorge e em coleções particulares.

Na área ambiental tentamos minimizar os impactos do desempenho da nossa atividade, com respeito pelo meio ambiente, procurando assim a preservação ambiental para as gerações futuras e contribuindo para a sustentabilidade do planeta. Neste sentido, a empresa organizou o ano passado uma ação de florestação no dia Mundial da Floresta, plantando cedros do mato (*Juniperus brevifolia*), planta endémica dos Açores utilizada na execução de retábulos e imagens de arte sacra.

Actualmente mantém uma equipa com conservadores restauradores, tendo obras em curso na ilha de São Jorge (Igreja de Santa Bárbara das Manadas) e na ilha Graciosa (Igreja de Santo Cristo e Igreja Matriz de Santa Cruz), tendo também outras obras em atelier, tais como pinturas sobre tela, pertencentes à Sé de Angra do Heroísmo da ilha terceira. O Atelier iniciou em 2016 o encontro “Arte & Património” com vista a sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património da Região Autónoma dos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área, de

forma a promover boas práticas e metodologias adequadas à arte e património nos Açores. Este encontro tem sido realizado em parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do Ouvidor Eclesiástico da ilha, Pe. Manuel António Matas dos Santos.

www.acroarte.wordpress.com

SÃO JORGE E AS SUAS OUVIDORIAS

Procurei junto de testemunhas da época em que as ouvidorias de São Jorge foram unificadas e remeteram-me para o Boletim Eclesiástico dos Açores e, qual não é o meu espanto ao verificar que no ano de 1979, nº 831, na pg. 262 consta a nomeação dos Ouvidores de São Jorge, nestes termos: o Ouvidor de Velas Pe. José Garcia Pedro; Ouvidor de Calheta Pe. Dr. António Rogério Gomes e Ouvidor do Topo Pe. José da Costa Leonardo. Não deixa de ser curioso, porque por Provisão de 4 de Junho 1878, o Bispo D. João Maria Pimentel extingue a Ouvidoria do Topo por constar de “uma única freguesia (...) sendo quase nenhum o serviço daquela repartição eclesiástica (...) fica incorporada à Ouvidoria da Vila da Calheta como dantes fazia”.

Põe-se a questão: como e quando surge novamente a Ouvidoria do Topo ou este será apenas um título honorífico atribuído ao Sr. Padre Leonardo. Não deixa de ser curioso que, no ano da unificação das ouvidorias de São Jorge, o nome do mesmo surja na lista de nomeações dos Ouvidores da Diocese que data de 19 de Março de 1981.

Em 10 de Junho de 1981, por Provisão de D. Aurélio Granada Escudeiro, na qual ainda menciona as três Ouvidorias dizendo:

Atendendo a que os distritos eclesiásticos da Ilha de S. Jorge, respetivamente Ouvidorias das Velas, Calheta e Topo já não correspondem ao conveniente ordenamento da Pastoral, e ao diminuto Clero da Ilha, atendendo a que o bem espiritual do Clero e fiéis e o bem público fica melhor assegurado com a existência de um único distrito Eclesiástico; atendendo ao que nesse sentido nos foi pedido pelo clero da Ilha – Havemos por bem suprimir as Ouvidorias de Velas e Topo e criar a Ouvidoria da Ilha de S. Jorge e tendo em consideração as circunstâncias, serviços e qualidades que distinguem o Reverendo Pe. Hermínio da Silveira Amorim (...) nomeado Ouvidor da nova Ouvidoria da Ilha de S. Jorge.

A Ouvidoria tem uma missão essencialmente pastoral. Os Sacerdotes que nela estão ao serviço devem formar uma verdadeira equipa para que a ação pastoral seja concertada e concordante.

A Ilha de S. Jorge tem tido este sentido de trabalho de conjunto que se tem notado nas diversas atividades pastorais da Ilha, como se verificou recentemente na Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e nas atividades com os Jovens em retiros e Dia Mundial da Juventude, ou com a catequese em ações de formação e encontros.

Pe. Manuel António

SOLAR DOS NORONHAS

Ribeira Seca

O Solar dos Noronhas foi mandado construir, após o terramoto de 1757, pelo sargento-mor António Silveira e Ávila, que nele viveu até à data da sua morte, em 1814.

O Solar compõe-se de duas casas de morada e ermida, tendo a casa mais antiga sido destruída por incêndio em meados do séc. XIX, restando dela apenas as paredes. Fazem parte do conjunto, para além da casa e ermida, paiol, granel, eira, palheiro, atafona, picaria, adega, alambique e amplo reduto de terras de cultivo e seus logradouros.

A ermida de estilo barroco com altar em talha dourada, foi erigida em honra de Nossa Senhora dos Milagres e dispõe de sacristia, coro, púlpito, tribuna e subterrâneo com quatro câmaras, onde repousam os restos mortais dos familiares falecidos, até 1846 – ano da proibição dos sepultamentos nos templos. Os restos mortais de António Silveira e Ávila repousam numa destas câmaras, tendo ali sido por sua vontade, sepultado de pé e virado para o altar.

Casa e ermida, de características anti-sísmicas próprias da época, foram cercadas em todo o perímetro, por um muro de cinco metros de altura em forma de quadrado, parcialmente destruído na década de 50 do século passado. Existe o paiol, onde outrora foram guardadas pólvora e munições destinadas aos fortes do concelho de Calheta, para defesa dos ataques piratas, que assolaram as ilhas até ao primeiro quartel do séc. XIX.

A história deste Solar, relaciona-se com a história da defesa da ilha, com a história das “Ordenanças”, tendo ali residido os dois últimos capitães, responsáveis máximos pela defesa no concelho de Calheta, até 1834, ano em que por decreto régio são extintas as Ordenanças. Um filho do capitão-mor Miguel António da Silveira e Sousa, também de nome Miguel, exerceu a patente de alferes de milícia, sob o comando de seu pai.

De várias “estórias” deste solar, conta-se que o rei D. Pedro IV, na altura das guerras liberais, de passagem por esta ilha, mandou um grupo de soldados até junto do capitão-mor Miguel António da Silveira e Sousa, para obterem deste a rendição à causa liberal. O capitão Miguel António, fiel à causa miguelista, ao saber da presença dos soldados liberais e prevendo um desfecho trágico, a avaliar pelas execuções sumárias que vinham acontecendo noutras ilhas e mais recentemente na vila da Calheta, achou por bem retirar-se para esconderijo, tendo antes dado ordens para que as portas se abrissem aos recém-chegados e lhes fossem servidos carne e vinho, tendo para o efeito ordenado o abate de uma vaca. Assim se fez e no final, os militares apesar das simpatias políticas de D. Miguel, pediram que aparecesse, pois que nada de mal lhe aconteceria,

pretendendo apenas manifestar a sua gratidão. Desconfiado deste propósito, Miguel António optou por se manter escondido, acabando D. Pedro por deixar a ilha, sem que o capitão e sua família tivessem sido molestados.

Em 1842 uma filha do capitão Miguel António de nome Maria Josefa da Silveira Moniz, casa com José Augusto Homem de Noronha natural do Topo, nascido na “Casa dos Tiagos”, sendo através deste casamento, que o Solar passa para a titularidade da família Noronha, assim se mantendo até ao presente.

O Solar mantém a classificação de imóvel de interesse público atribuída pelo Governo Regional dos Açores através da Resolução N.º 146/95 de 10 de Agosto. A ermida, nos anos 2000 e 2001 sofreu importantes obras de restauro, comparticipadamente custeadas pelo Governo Regional dos Açores, através da Direcção Regional da Cultura.

SOLAR DA VISCONDESSA

Terreiros

O Solar da Viscondessa terá sido construído no início do século XIX, para a família Teixeira Soares de Sousa.

Na chaminé da casa está inscrita a data de 1810. Dois anos antes, acordara ali perto o vulcão da Urzelina, provocando grande perda de vidas humanas, gado, casas e terras de cultivo. E três anos antes, com a primeira invasão francesa e a ida da corte para o Brasil, iniciara-se uma ainda mais violenta erupção na história de Portugal, só finda em 1834 com a vitória dos liberais na Guerra Civil. Contudo, se os Açores foram atravessados pela guerra fratricida, na qual o miguelista Miguel Teixeira Soares de Sousa (1791-1831) perdeu a vida, o arquipélago escapou ao caos que se instalou no continente em 1807, mantendo-se sempre, sob a proteção da Inglaterra, sujeito à soberania portuguesa.

Apesar das mais ou menos distantes agitações naturais e políticas, os proprietários desta quinta de vinho afamado encontraram a confiança necessária para tomar a decisão de lhe acrescentar uma bela casa. Para os Teixeira Soares de Sousa, uma das famílias da elite jorgense, os Terreiros eram uma alternativa esporádica mas confortável ao seu solar da vila das Velas, servida pela melhor estrada da ilha, a que ligava a capital do concelho às Manadas. Esta estrada ainda hoje corta a quinta ao meio, a parte alta subindo serra acima, a parte baixa descendo até ao mar, as duas dotadas de bonitos portões pinaculados, reentrantes e afrontados. Um pouco mais abaixo na estrada, ao virar da curva, fica a ermida de Santa Rita de Cássia, fundada em Setecentos. Continuando em direção ao mar, vamos ter à belíssima igreja das Manadas.

Para o solar, cujo nascente confronta a estrada com duas varandas de sacada, entramos pelo portão da quinta de baixo, desenvolvendo-se o alçado principal à nossa direita ao longo de um pátio murado com vista folgada sobre o Pico, uma magnólia e um magnífico cedro junto a um chafariz. A casa, de harmoniosa implantação, é obra atribuída aos Avelares, dinastia de pedreiros responsável por algumas das mais notáveis empreitadas da ilha entre os séculos XVIII e XIX. O interior foi reconstruído depois do abalo de 1998, conservando ainda alguns elementos anteriores. O piso térreo é ocupado pelas lojas e pela entrada, as escadas de cantaria para o andar de cima terminando na janela de guilhotina que, ao meio de seis varandas de sacada, define o eixo central do alçado nobre, que vive todo da justeza de proporções e rigor de corte das negras cantarias. Contornando o solar pelo lado poente do pátio, passando pela casa do caseiro, damos com a maciça escada de pedra que sobe até ao balcão da cozinha, erguida sobre a ampla cisterna onde se recolhiam as águas do telhado. Contam-se ainda alguns curiosos anexos agrícolas em volta da casa, como o antigo lagar na parte de cima da quinta.

O chafariz do pátio, de 1893, foi certamente dos últimos melhoramentos introduzidos por Miguel Teixeira Soares de Sousa (1824-1894). A este rico, culto e requintado morgado, que chegou a presidir à Câmara das Velas, dever-se-ão, à maneira de outras propriedades insulares da época romântica, as altíssimas araucárias que assinalam a quinta na paisagem jorgense e o toque exótico da esguia palmeira que se ergue na antiga zona de jardim.

Este segundo Miguel teve um notável irmão, João Teixeira Soares de Sousa (†1875), «varão de talento e de saber» (Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*), nascido na casa dos Terreiros a 12 de Setembro de 1827. Depois de cursar em Coimbra, em paralelo com a sua atividade política (foi eleito deputado), João Teixeira dedicou-se ao estudo da história, genealogias e tradições açorianas, em particular das jorgenses, recolhendo o romanceiro da sua ilha para Almeida Garrett, que não viveu para aproveitar esse trabalho, e, depois, para Teófilo Braga, publicando intensamente na imprensa local.

O herdeiro do segundo Miguel Teixeira seria outro Miguel, filho do seu irmão José Soares Teixeira de Sousa (1826-1885) e de sua mulher, Isabel Beatriz de Azevedo Pereira e Sousa (1837-1921), bisneta do sargento-mor António Silveira e Ávila, que mandou construir a Casa e Ermida de nossa Senhora dos Milagres, na Ribeira Seca. Isabel Beatriz foi agraciada por Decreto Real de 25/10/1894 com o título de Viscondessa de São Mateus. O terceiro Miguel Teixeira (1864-1940) cedo perdeu a plena posse das faculdades mentais, nunca as tendo recuperado.

Por decisão testamentária da Viscondessa, foram as suas sobrinhas que herdaram o património de Miguel Teixeira. As sobrinhas eram filhas da irmã da Viscondessa, Maria Doroteia, e de seu marido José Acácio da Silveira Moniz do Canto e Noronha, também ele bisneto de António Silveira e Ávila. A quinta dos Terreiros coube à sobrinha mais velha, Vitória Beatriz de Noronha, bisavó dos atuais proprietários.

Colou-se de tal forma à quinta a memória dos anos passados sob a alçada da personalidade forte da mãe do terceiro Miguel Teixeira que é ainda hoje conhecida na região como o Solar da *Viscondessa*.



ACROARTE
**pousadas
de juventude**

**SOLAR DA
VISCONDESSA**



Solar da Viscondessa

1008 978-989-20-7110-8



9 789892 071108

Promovido pelo **ACROARTE** em parceria com

**OUVIDORIA
DE S. JORGE**